

DO USUÁRIO DA INFORMAÇÃO AO SUJEITO INFORMACIONAL: REFLEXÕES SOBRE PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS A PARTIR DE PESQUISAS BRASILEIRAS

From the information user to the informational subject: reflection on conceptual assumptions from brazilian research

Eliany Alvarenga de Araújo

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC),
Goiânia, GO, Brasil
eliandy.alvarenga@ufg.br
<https://orcid.org/0000-0001-98129707> 

Rubem Borges Teixeira Ramos

Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC),
Goiânia, GO, Brasil
rubemborges@ufg.br
<https://orcid.org/0000-0002-0866-7673> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

Objetivo: Analisar pressupostos conceituais sobre sujeito informacional, a partir de desenvolvimentos teóricos de pesquisas brasileiras sobre práticas informacionais (dissertações de mestrado e teses de doutorado) na área de Ciência da Informação, selecionadas no acervo da Biblioteca Digital de Dissertações de Teses-BDTD, no período de 1998/2021.

Método: Esta pesquisa se classifica como uma revisão de literatura sistemática em termos da coleta, organização e análise de dados.

Resultado: Os pressupostos conceituais analisados permitem detectar a compreensão sobre o usuário da informação como um sujeito informacional. Tal compreensão se dá no sentido em que este usuário se coloca como um sujeito ativo que, de forma concomitante, busca, acessa, recupera e usa informações e, por meio destas ações, gera, comunica e socializa suas próprias informações.

Conclusões: Desta forma, os pressupostos conceituais analisados sobre o sujeito informacional salientam que este é um sujeito sociocognitivo, que se relaciona intensamente com a informação, por meio das práticas informacionais de busca, uso, geração, comunicação e socialização. Neste intenso processo de atribuição e comunicação de significados, este sujeito relaciona suas necessidades informacionais aos contextos sócio-históricos vivenciados, bem como recorre a variados recursos sociocognitivos (linguagens, identidades, memórias e valores culturais) para gerar suas práticas informacionais e, desta forma, compreender e agir sobre sua realidade mobilizando outros sujeitos e grupos sociais. A partir destes pressupostos novos olhares surgem para compreender o fenômeno informacional e possibilitam a ampliação da compreensão da informação enquanto objeto gerador de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito informacional. Práticas informacionais. Usos e usuários da informação.

ABSTRACT

Objective: To analyze conceptual assumptions regarding the information subjects, from theoretical developments in Brazilian researches on informational practices (Master's Dissertations and Ph.D.'s thesis) in the Information Science field, selected from the Biblioteca Digital de Dissertações de Teses-BDTD archives, between 1998 and 2021.

Methods: This research is classified as a systematic literature review in terms of gathering, organization, and data analysis.

Results: The analyzed conceptual suppositions allow to understand the information user as an information subject. Such an understanding happens in the way this user places himself as an active subject who simultaneously, searches, accesses, generates, communicates, and socializes his information.

Conclusions: In this way, the conceptual suppositions analyzed regarding the informational subject highlight him as cognitive being, who relates intensively with information, through informational practices of search, use, generation, communication, and socialization. In this intense meaning attribute and communication process, this being related his informational needs to social-historical contexts which he has lived, as well as uses different socio-cognitive resources (language, identities, memories and cultural values) to generate his informational practices and, in this way, to

understand and act upon his reality, engaging other fellows and social groups. From these assumptions, new paths emerge, to understand the informational phenomena and allows to raise the understanding of information as a knowledge generator object.

KEYWORDS: Informational Subject. Informational Practices. Information uses and users.

1 INTRODUÇÃO

No âmbito da Ciência da Informação, os estudos sobre práticas informacionais são relativamente jovens. Conforme Ellis (1989), na literatura internacional desta área de conhecimento, os primeiros estudos sobre esta temática teriam se iniciado no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Em termos da Ciência da Informação brasileira, os primeiros registros de estudos sobre práticas informacionais tiveram início no final da década de 90 por meio de pesquisas (dissertações de mestrado e teses de doutorado) realizadas junto a programas de pós-graduação desta área do conhecimento. Como temática em pleno desenvolvimento, as pesquisas brasileiras sobre práticas informacionais têm se esforçado em gerar conhecimento teórico-conceitual sobre os vários aspectos do fenômeno informacional, em especial sobre a relação sujeito e informação/realidade¹.

Vale salientar que as práticas informacionais são compreendidas como processos sociocognitivos de recepção, geração e comunicação de significados, desenvolvidos pelo sujeito a partir do uso de informações e sob as variadas condições de vida que compõem sua realidade (ARAÚJO, 2021). Assim, as práticas informacionais se constituem em ações de informação estruturadas a partir da relação sujeito/informação/realidade. Nesta relação, o sujeito se coloca como um elemento central, pois a partir dele, os elementos informação e realidade se interconectam, levando assim este sujeito a uma possível forma de ação perante a realidade.

Alguns estudos brasileiros sobre práticas informacionais (ASSIS, 2011; CRUZ, 2014; BARROS, 2016; ARAÚJO, 2017; ROCHA, 2018; BERTI, 2018; SILVA, 2019A; SILVA, 2019B; SALDANHA, 2021) têm utilizado o conceito de sujeito informacional como um recurso analítico, objetivando aprofundar as reflexões sobre a relação sujeito/informação/realidade. Desta forma, o sujeito informacional tem se constituído num elemento central nos estudos sobre esta temática. Buscando aprofundar as reflexões sobre este sujeito considera-se importante compreender o que seria este sujeito antes dele se constituir em um sujeito informacional.

¹ Conceito de Realidade: De acordo com Japiassu e Marcondes (1996), trata-se do “Conjunto de todas as coisas existentes. Diz respeito às coisas, aos fatos que podem ser objeto da nossa experiência, do nosso conhecimento, mas que são independentes da nossa própria vontade pois não podemos desejar que não existam”. (p. 230).



Considera-se que esta questão possa ser compreendida a partir da relação: sujeito/objeto. Assim, sujeito e objeto definem-se mutuamente, como polos opostos e complementares numa relação que pode gerar conhecimento. Neste sentido, este sujeito tem um papel central como fundador do conhecimento ao agir sobre ou a partir do objeto. Conforme Arendt (1997),

Agir, no sentido mais geral do termo, significa tomar iniciativa, iniciar, imprimir movimento a alguma coisa. Por constituírem um *initium*, por serem recém-chegados e iniciadores em virtude do fato de terem nascido, os homens tomam iniciativas, são impelidos a agir. Trata-se de um início que difere do início do mundo; não é o início de uma coisa, mas de alguém que é, ele próprio um iniciador. (ARENDR, 1997, p. 190).

A partir desta compreensão de Arendt (1997), o sujeito informacional é um sujeito de ação pois ao agir ele gera a dinâmica sujeito/informação/realidade. Mas, de que ação se fala ou se qual seria a natureza desta ação gerada pelo sujeito informacional? Considera-se que a especificidade desta ação pode ser compreendida ao se buscar a distinção entre ação e fabricação. Conforme a autora,

Se a ação, como início, corresponde ao fato do nascimento, se é a efetivação da condição humana da natalidade, o discurso corresponde ao fato da distinção e é efetivação da condição humana da pluralidade, isto é, do viver como ser distinto e singular entre iguais. (ARENDR, 1997, p. 191).

Ao propor a ação do sujeito por meio do discurso, Arendt (1997) possibilita que se compreenda que o sujeito informacional tem como sua ferramenta básica a ação baseada nas palavras e seus variados significados e, conseqüentemente, suas variadas possibilidades. Assim, o sujeito informacional é um sujeito epistêmico que age por meio do discurso que, por sua vez, gera significados e pode interpretar e transformar a realidade. Este meio de ação (discurso) pode ser caracterizado como uma dinâmica informacional ou, como na origem etimológica do verbo *informare* onde a informação pode ser compreendida como a ação de dar forma, colocar sob determinada forma.

Ainda relativo à ação baseada no discurso como condição humana básica do sujeito, Arendt (1997) salienta que,

Desacompanhada do discurso a ação perderia não apenas seu caráter revelador como, e pelo mesmo motivo, o seu sujeito. Assim, em lugar de homens que agem teríamos robôs mecânicos a realizar coisas que seriam humanamente incompreensíveis. Sem o discurso a ação deixaria de ser ação pois não haveria ator e o ator só é possível se for ao mesmo tempo o autor das palavras. (ARENDR, 1997, p. 191).

Assim, a ação se contrapõe à fabricação, no sentido em que, ao fabricar tem-se em mente um projeto acabado. Assim quem fabrica pensa a partir de técnicas ou do conjunto de meios que objetivam chegar a resultados planejados. Por outro lado, quem age não o

faz a partir de um conjunto de técnicas, mas o faz como modo de existência, como uma finalidade em si mesma; como uma maneira de estar no mundo.

Tendo por base estas considerações iniciais, apresenta-se a questão que orienta as reflexões deste texto: Que pressupostos conceituais têm sido gerados por estudos brasileiros sobre o sujeito informacional?

A partir desta questão, este texto tem por objetivo analisar pressupostos conceituais sobre o sujeito informacional, gerados no âmbito de pesquisas brasileiras sobre práticas informacionais. Considera-se que esta análise possa trazer subsídios para os estudos sobre usos e usuários da informação, bem como os estudos contemporâneos de comportamento informacional, competência informacional e práticas informacionais, no sentido de ampliar a compreensão do usuário da informação enquanto sujeito informacional e gerar reflexões que ampliem a compreensão sobre as relações entre o sujeito, a informação e a realidade vivenciada por ele.

Metodologicamente, este texto caracteriza-se como revisão de literatura sistemática baseada em pesquisas (dissertações de mestrado e teses de doutorado) sobre práticas informacionais. A seleção das pesquisas foi feita a partir da Biblioteca de Digital de Dissertações de Teses – BDTD, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT.

Essa biblioteca digital foi criada em 2002, tendo sido desenvolvida e coordenada pelo próprio IBICT. Reúne os diferentes sistemas de informação de dissertações e teses desenvolvidas nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil. O levantamento das pesquisas (dissertações de mestrado e teses de doutorado) foi realizado em março de 2022 e cobriu o período de 1998/2021 no acervo da BDTD. Vale salientar que a data inicial, 1998, demarca o primeiro registro sobre este tema (práticas informacionais) no acervo da citada biblioteca digital.

Deste modo, foram analisados 23 anos de produção científica brasileira sobre este tema. Para a localização das pesquisas selecionadas, foram utilizados os termos “sujeito informacional” e “sujeitos informacionais” nos campos de pesquisa (título e assunto). As pesquisas que salientavam, entre as várias análises sobre práticas informacionais, reflexões sobre o sujeito informacional foram selecionadas e tais reflexões coletadas para compor os dados que são analisados e que podem elucidar os pressupostos conceituais que estão orientando o pensamento informacional brasileiro sobre o sujeito informacional. Foram selecionadas nove (9) pesquisas para compor a amostra final, sendo que cinco (5) destas pesquisas são dissertações de mestrado e quatro (4) são teses de doutorado.



Este texto se inicia com a introdução, onde se apresenta uma abordagem conceitual sobre o sujeito informacional, que age na realidade em relação a diferentes objetos e que o faz por meio de discursos. Ao fazer isto, ele gera dinâmicas informacionais como modo de estar no mundo. Em um segundo momento, apresenta-se uma visão histórico-conceitual sobre estudos de uso e usuário da informação, bem como do comportamento informacional e de práticas informacionais.

Em um terceiro momento, são apresentados os pressupostos conceituais coletados junto as pesquisas brasileiras sobre práticas informacionais selecionadas e, no momento final, apresentam-se considerações sobre possíveis caminhos epistemológicos que contemplem os estudos sobre o sujeito informacional enquanto sujeito epistêmico. As referências compõem o último item deste texto.

2 DO USUÁRIO DA INFORMAÇÃO AO SUJEITO INFORMACIONAL

A Ciência da Informação, enquanto área do conhecimento, se caracteriza pelo interesse e pela promoção de estudos que contemplem não apenas os recursos de informação como produtos, serviços, fontes, canais e tecnologias variadas, que se fazem presentes com cada vez maior frequência de uso, como também pelas pessoas que necessitam de informação, e realizam buscas junto a estes recursos com vistas a obtê-la. A este público denominamos de sujeitos informacionais. Araújo (2013) constatou a proliferação dos estudos voltados a abordagem e a compreensão dos sujeitos informacionais, fato que creditava a três razões em particular

[...] pela presença de estudos sobre usuários de informação em outros âmbitos além dos cursos de graduação em Biblioteconomia, tais como a Arquivologia, a Museologia e os Sistemas de Informação [...] mudança nas condições de participação dos sujeitos que, com as possibilidades trazidas pelas novas tecnologias e pela internet, vêm se tornando cada vez mais produtores e disseminadores de informação. Mas o principal motivo que levou a tal ampliação foi o surgimento de perspectivas de pesquisa que buscaram integrar o caráter individual e coletivo do comportamento dos usuários, bem como sua inserção nos contextos socioculturais. (ARAÚJO, 2013, p. 2).

A partir dessa perspectiva, faz-se importante discorrer sobre o percurso evolutivo ocorrido dentro dessa esfera, desde a sua concepção original, os chamados 'estudos de usuários', para a visão contemporânea, que envolve as relações estabelecidas entre os indivíduos, os campos sociais em que estes se fazem presentes e a informação, que aponta para a adoção de um novo termo, mais abrangente e condizente com tais relações: o sujeito informacional.



2.1 A ORIGEM – CONTEXTOS CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

Autores como Wilson (1981), Sanz-Casado (1994) e Teruel (2022) apontam em seus trabalhos que a área de Ciência da Informação vincula a origem dos estudos de necessidades e de usos da informação como ocorrendo junto a comunidade científica, mais precisamente a partir da *Royal Society Scientific Information Conference*, de 1948. A razão pela qual este evento é considerado como o marco inicial desses estudos se dá pela importância de se considerar as formas pelas quais os indivíduos empregavam a informação, voltando-se para a perspectiva daqueles que operavam junto aos ramos de ciência e de tecnologia. Nele, foram apresentados dois estudos acerca do comportamento de busca da informação de duzentos cientistas britânicos e em outro estudo, sobre o uso da biblioteca do Museu de Ciência de Londres. Choo (2006) afirma que,

Ao longo de meio século de história, é possível contar milhares de estudos que investigaram as necessidades e os usos da informação em determinados grupos de pessoas. Um amplo espectro de usuários da informação foi pesquisado, o que incluiu cientistas, engenheiros, cidadãos de uma comunidade, grupos de interesse, médicos, pacientes, pessoas com preocupações de saúde, executivos, administradores, pequenos empresários, funcionários do governo, advogados, acadêmicos, estudantes, usuários de bibliotecas. (CHOO, 2006, p. 67).

Segundo Siatry (1999), no período entre o final dos anos 1940 e o início dos anos 1960, registrou-se uma expressiva veiculação de publicações de cunho informacional voltadas ao âmbito profissional e científico, quando comparadas com as publicações de mesma natureza que envolviam temáticas sociais e das humanidades. Era imprescindível aos veículos e editores de periódicos científicos da época conhecer de forma apurada os hábitos informacionais de seus usuários, o que incluía as preferências por eles demonstradas de temáticas e de canais de comunicação. Assim, os trabalhos nesse período específico privilegiavam estudos e pesquisas que expusessem os hábitos informacionais oriundos da comunidade científica, com vistas a valorizar a apreciação político-econômica desse tipo de informação em particular à época.

Os estudos quanto as necessidades e os hábitos demonstrados pela comunidade científica e tecnológica foram pioneiros no que tange a obtenção de dados e de informações sobre as formas e as preferências de uso da informação por seus membros. Pela primeira vez, foi possível operar com índices de utilização de determinados canais de comunicação frente a outros então disponíveis, bem como constatar as fontes informacionais recorridas pelos membros dessas comunidades, através da frequência com que exibiam determinadas preferências por revistas, livros ou outras publicações disponíveis. Os resultados obtidos através da apuração desses índices levavam a

generalizações, as quais foram aplicadas também a outros agrupamentos de indivíduos, que exibissem características similares aqueles originalmente pesquisados.

2.2 OS ANOS 1960

De acordo com Teruel (2022), os estudos que primavam por revelar os hábitos informativos de cientistas e profissionais da área de tecnologia prosseguiram sendo realizados, mas agora passaram a demonstrar propósitos mais ambiciosos, em parte devido ao uso de técnicas de coleta de dados e de informações mais atualizadas, mas também pela expansão de área de interesse e abrangência desses estudos, procurando a partir de então englobar também os usuários das ciências sociais, graças ao desenvolvimento que algumas disciplinas dessa área obtiveram, e que acabaram por levar ao aumento de publicações disponíveis oriundas da mesma em unidades de informação.

Em grande medida, o catalizador dos estudos de usuários dessa década é atribuído a Menzel, a partir de 1966, devido a sua visão de agregar valor aos estudos realizados a partir de então ao se empregar bases teóricas e metodológicas pertencentes a áreas como a Psicologia e a Sociologia.

2.3 OS ANOS 1970

A partir da perspectiva trazida por Menzel (1966), os estudos focados junto aos usuários de informação passaram a contar com a presença recorrente de grupos-alvo que exibissem maior diversidade. Em consequência, a autora também constatou a ampliação junto ao escopo dos temas anteriormente abordados, demonstrando assim espaços e oportunidades para o desenvolvimento de pesquisas e de pensamentos que envolviam as necessidades e a buscas por informação para além das áreas originais de cobertura dos estudos registrados nas décadas anteriores, que em essência se tratava de ciência e de tecnologia.

Como resultado de seu trabalho, Menzel (1966) listou alguns fatores preponderantes para a nova década, no que tange aos “estudos de usos e de usuários da informação”, a se saber:

- Esses estudos passaram então a incluir em seu rol a presença de estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, voltados a trabalhar em prol do estudo de usos da informação;



- Iniciam-se aqui os estudos aplicados a grupos outros que não somente os de cientistas e técnicos. Assim, registram-se neste período, ainda que de maneira incipiente, estudos voltados a determinação das necessidades informacionais de idosos, minorias e populações residentes em perímetros urbanos, dentre outros;
- Também tem seu início aqui a inserção de conceitos oriundos das ciências sociais, sendo alinhados com técnicas quantitativas de pesquisa;
- Por fim, a variável 'ambiente de uso da informação' é apresentada aqui, trazendo para a discussão nos estudos desenvolvidos pela primeira vez a noção de contexto e sua importância para se compreender a relação do usuário com a informação.

Essa mudança de foco acabou por ampliar as perspectivas até então vigentes sobre a figura do usuário de informação, quando, de acordo com Gasque e Costa (2010), passou-se então a valorizar aspectos antes relevados, como o grau de complexidade e de singularidade relativos aos usuários e suas necessidades informacionais, bem como uma diversidade de usos, a depender do contexto analisado, em que a informação poderia ser empregada.

Entretanto, conforme as mesmas autoras apontam, essa ampliação de interesses acabou por tornar evidentes a ausência de aplicações dos resultados obtidos nesses estudos, já que não era possível fazer, por meio de uma perspectiva que privilegiava um viés quantitativo de estudos, com que as informações necessárias a resolução de um problema ou a tomada de decisões envolvendo múltiplas circunstâncias estivessem sempre disponíveis a quem delas necessitava. Além disso, ao se considerar o modelo *behaviorista* como o preponderante junto as pesquisas realizadas na área entre as décadas de 1950 e 1970, tem-se que estudos que se pautassem por uma metodologia destacadamente objetiva e neutra seriam mais apropriados para se compreender o comportamento dos indivíduos.

Diante desse cenário, o conceito de necessidades de informação passou por dificuldades singulares no que tange a sua definição, foco e mensuração, devido as deficiências metodológicas no que se refere ao emprego de técnicas para a promoção de investigações de cunho social.

2.4 OS ANOS 1980 – GERAÇÃO DO MARCO CONCEITUAL E DA METODOLOGIA

Os estudos de usos e usuários da informação adentram os anos 1980, de acordo com Wilson (2008), ainda sendo realizados em consonância com o paradigma positivista que imperava junto as ciências sociais, o que justificava a grande maioria desses estudos como sendo pesquisas centradas junto aos sistemas de informação e dedicados a prática bibliotecária enquanto profissão, abarcando paupérrima fundamentação teórica, quando o faziam.

Esse cenário traduz em essência o que era compreendido como estudos de usos e usuários da informação até então: um conjunto de pesquisas que primava por investigar as transações realizadas entre o usuário e a biblioteca, empregando para tanto um enfoque destacadamente quantitativo para a análise e a interpretação dos dados obtidos. Entretanto, a partir da ciência de que tais resultados produzidos e alcançados até então eram diminutos no que se refere a considerar os estudos de usuários como uma ferramenta apropriada para a melhoria e ampliação dos sistemas de informação vigentes, esta década registrou consideráveis esforços em prol do desenvolvimento de um marco teórico e metodológico junto a estes estudos.

Nesse sentido, Siatri (1999) estima que a publicação de Dervin e Nilan (1986) quanto a necessidades e usos de informação se estabelece como um importante marco, na medida em que se mostra pioneira, em sua proposta de revisão, evidenciando a existência de uma mudança paradigmática em progresso naquele período, no que se refere aos estudos sobre o usuário da informação. Neste trabalho científico, os autores pontuam a existência de dois paradigmas – um tradicional, voltado para o sistema de informação, que se pautava por investigações de natureza quantitativa, sobremaneira baseando-se em observações realizadas junto aos usuários e as relações que estes estabeleciam com um ou mais sistemas de informação, e outro emergente, que se pauta por observar este usuário e sua relação com a informação, empregando um viés oposto ao anterior, de natureza qualitativa de estudos.

Gasque e Costa (2010) também argumentam a respeito dos paradigmas vigentes até aquele período, afirmando que

a principal diferença entre as abordagens adotadas no paradigma tradicional e no paradigma emergente está vinculada aos aspectos psicológicos, em que se identifica a primeira como behaviorista e a segunda como cognitivista. Adicionalmente, é possível perceber, pela orientação metodológica, o positivismo permeando as pesquisas fundamentadas no paradigma behaviorista, no sentido em que se adotava, essencialmente, a abordagem quantitativa e o método



hipotético-dedutivo. Os estudos centrados no paradigma cognitivista, por sua vez, provavelmente já influenciados pela fenomenologia, começam a se nortear por métodos qualitativos e indutivos (GASQUE; COSTA, 2010, p. 27).

O raciocínio acima encontra respaldo em Ellis (2011), que atribui como consequência alcançada neste período do século XX o registro de uma proliferação de estudos voltados a figura dos indivíduos e de sua relação com a informação, com destaque então para a busca de informação em um formato holístico, considerando para tanto as causas e razões pelas quais eles buscam informação, em detrimento do sistema ou ferramenta empregada para este fim. Além disso, se fazem presentes também neste período os primeiros passos voltados para o modo como esses indivíduos interagem entre si e trocam experiências também dentro dos contextos históricos, sociais ou culturais em que se encontram inseridos.

A partir dessa constatação, o número de teorias e conceitos voltados a compreensão dos indivíduos e de sua relação com a informação cresceram exponencialmente, com destaque aquelas que procuravam atribuir uma base cognitiva a esse usuário, de modo que ele fosse considerado a partir dos parâmetros e referências que exibia quanto a visão de mundo que o indivíduo possuía, refletindo assim diretamente junto as formas de busca, recuperação, acesso, interpretação e uso da informação. Este novo prisma de estudos, fruto da mudança paradigmática que migrou seu foco principal dos sistemas de informação para valorizar a partir de então a figura humana, incluindo suas formas cognitivas e emocionais de se relacionar e de lidar com a informação, passou a ser conhecido como estudos de comportamento informacional.

Através desta evolução paradigmática, é nítido o interesse e a relevância para a Ciência da Informação quanto à figura do indivíduo e as relações estabelecidas com o fenômeno informacional. Entretanto, quando se volta um olhar mais pormenorizado para essa relação, é pertinente se pensar em uma série de questões que ainda estão em aberto. Assim indaga-se: O que se pode concluir após décadas de pesquisas sobre a busca e o uso da informação? O que se pode dizer sobre o usuário da informação?

Objetivando responder a estas indagações, Choo (2006, p. 79) afirma que, em termos da construção teórica gerada por estes estudos, podem ser destacadas algumas considerações:

- 1) As necessidades e os usos da informação devem ser examinados dentro do contexto profissional, organizacional e social dos usuários. As necessidades de informação variam de acordo com a profissão ou o grupo social do usuário, suas origens demográficas e os requisitos específicos da tarefa que ele está realizando;



2) Os usuários obtêm informações de muitas diferentes fontes (formais e informais). As fontes informais inclusive colegas e contatos pessoais são quase sempre tão ou mais importantes que as fontes formais, como bibliotecas ou banco de dados online;

3) Muitos critérios podem influenciar a seleção e o uso das fontes de informação. As pesquisas descobriram que muitos grupos de usuários preferem fontes locais e acessíveis, que não são, necessariamente, as melhores. Para esses usuários, a acessibilidade de uma fonte de informação é mais importante que sua qualidade.

Sob a orientação de estudos sobre o comportamento informacional, se destacaram os estudos desenvolvidos por Tom Wilson, do Departamento de Pesquisa da Informação da Universidade de Sheffield, no Reino Unido. A partir de uma abordagem fenomenológica, este pesquisador considerou que os indivíduos estão constantemente construindo seu mundo social a partir do mundo de aparência que os cerca. Desta forma, “as necessidades de informação nascem dessas tentativas de dar sentido ao mundo” (WILSON; WALSH, 1996, p. 556). Por outro lado, a busca de informação,

[..] quase sempre é incompleta, em decorrência dos conflitos entre os significados gerados pelos diferentes sistemas de informação e os sentidos atribuídos a estes significados por parte dos usuários da informação. (WILSON; WALSH, 1996, p. 565).

Tendo em mente estas dificuldades, Wilson e Walsh (1996) destacam que os estudos de comportamento informacional podem ser orientados pelos seguintes princípios:

- a) Nossa preocupação é revelar os fatos da vida cotidiana das pessoas que estão sendo investigadas;
- b) Revelando esses fatos, nosso objetivo é entender as necessidades que pressionam o indivíduo para um comportamento de busca de informação;
- c) Entendendo o melhor destas necessidades, podemos compreender melhor qual o significado a informação tem na vida cotidiana das pessoas;
- d) Por tudo que foi tido, devemos ter melhor compreensão do uso da informação e ser capazes de criar sistemas de informação mais eficientes. (WILSON; WALSH, 1996, p. 570)

A mudança que estimulou uma maior atenção sob a figura do usuário e não mais do sistema foi reconhecida por Pérez-Giffoni e Sabelli (2010) como uma mudança em nível de perspectiva, procurando assim valorizar aspectos e teorias que evocassem o indivíduo em condições viáveis de uso da informação, tais como os modelos mentais, os processos cognitivos dos indivíduos e as suas representações perante os sistemas de informação. Dentre os desdobramentos obtidos por meio desta mudança, conforme os autores, se encontram importantes modelos e teorias, como as de Taylor (1986), onde se analisa o uso da informação de acordo com o ambiente, o de Dervin (1983), denominado

de *Sense Making*, o de Belkin (1980), denominado de Estado Anômalo do Conhecimento, e o de Wilson (1996), que trata do comportamento de busca de informação, comportamento de pesquisa por informação e o comportamento de uso da informação.

Segundo Araújo (2016), faz-se necessário considerar que os estudos citados primam, em sua natureza cognitivista, por exibir características como o caráter ativo do usuário, a compreensão da informação como algo construído, uma perspectiva situacional, uma abordagem holística e uma tendência à utilização de metodologias qualitativas. Desta forma, de acordo com o autor

[...] o processo de comportamento informacional tem origem numa situação problemática (um estado anômalo de conhecimento, a percepção de uma lacuna no conhecimento), que é o mecanismo ativador das ações de busca por informação, elemento determinante do processo, pois é a partir dela que o sujeito se engaja no processo de busca que resultará no encontro e uso da informação (ARAÚJO, 2016, p. 65).

Choo (2006) considera que os estudos de comportamento informacional são transdisciplinares, pois se utilizam de diferentes áreas de conhecimentos (psicologia cognitiva, estudos de comunicação, economia, teoria organizacional, antropologia social, dentre outras). Neste contexto transdisciplinar, algumas considerações importantes têm surgido, tais como:

A informação é fabricada por indivíduos a partir de suas experiências passadas e de acordo com as exigências de determinada situação na qual a informação deve ser usada. [...] Partimos da posição de que o usuário da informação é uma pessoa cognitiva e perceptiva; de que a busca e o uso da informação constituem um processo dinâmico que se estende no tempo e no espaço e de que o contexto em que a informação é usada determina de que maneiras e em que medida ela é útil. (CHOO, 2006, p. 92).

A partir das considerações expostas, pode-se vislumbrar a evolução dos desenvolvimentos teóricos sobre os estudos de usuário da informação, que se iniciam centrados na relação dos usuários com os diferentes sistemas de informação e, a partir dos estudos de comportamento informacional, se direcionam para a compreensão da relação dos usuários com a informação (independentemente dos sistemas de informação), registrando-se a inserção e a apreciação das características que definem seus perfis sociocognitivos. E este entendimento ainda permanece, em certa medida.

A diferença se encontra no fato de que as abordagens passaram a ser mais amplas e integradas, buscando alcançar a complexidade de que se revestem estes estudos, ao considerar o usuário como sujeito ativo em situações complexas de produção, de organização e de uso da informação.

2.5 OS ANOS 1990 – A CONSOLIDAÇÃO DA ÁREA DE INVESTIGAÇÃO

A ênfase proposta pela corrente cognitivista era certamente um avanço aos estudos de usuários conforme originalmente propostos, com enfoque voltado à valorização do sistema, em detrimento da figura humana, caracterizando-se, sobremaneira, como ‘estudos de uso da informação’ - embora pudessem eventualmente abordar, de forma composta ou integrada, a nomenclatura ‘estudos de uso e usuários de informação’, o que se fez presente na literatura corrente e levou a certos equívocos teóricos.

Segundo Teruel (2022), o volume de estudos e de compreensões registrados, a partir da década de 1980, endossa a mudança de nomenclatura, desde os antigos “estudos de uso e usuários da informação”, passando agora a receber a alcunha de “comportamento informacional”. Contudo, um novo momento de reflexão quanto a relação da figura humana com a informação se deu a partir da década de 1990 do século passado, ganhando força e expressão neste início de século XXI, uma vez que, segundo os apontamentos e as conclusões obtidas por estudiosos, mesmo essa evolução paradigmática acabava por ignorar importantes preceitos relativos aos indivíduos, com destaque para aspectos situacionais, sociais, culturais e de contexto, que não deveriam ser relegados a planos inferiores. De acordo com Tuominen e Savolainen (1997),

A informação não existe unicamente na mente dos indivíduos, sendo necessária, além de sua capacidade de raciocínio cognitivo, o estabelecimento de processos informacionais de interpretação e de atribuição de valor, capazes de lhes permitir construir e reconstruir o sentido e o significado da informação uma vez apropriada. (TUOMINEN; SAVOLAINEN, 1997, p. 85).

Ao mesmo tempo, Wilson (1999), concatenado às investigações deste período, acaba por revisar suas descobertas progressas, concluindo que o ‘comportamento informacional’ deveria ser encarado como a uma área de estudos e pesquisas mais abrangente, a qual pudesse abarcar outras nomenclaturas mais específicas e contemporâneas, tais como “comportamento de busca de informação” – que se traduz na busca de informação como resposta ao reconhecimento de uma lacuna ou ausência no estado de conhecimento do indivíduo -, que por sua vez englobaria o “comportamento de pesquisa de informação” – que envolve as interações demonstradas pelo sujeito junto aos sistemas de informação disponíveis.

Aparentemente, de acordo com Teruel (2022), o conjunto das forças que movem e fomentam os estudos que envolvem a relação humana com a informação acabam por ter



“caracterizado esta área de investigação pelo seu dinamismo” (TERUEL, 2022, p. 356). Com base nesse contexto e raciocínio, outros estudiosos, como Savolainen (2008, p. 220), propuseram o conceito de ‘práticas informacionais’, como uma forma de evolução ao ‘comportamento informacional’. Essa vertente encontra respaldo nos estudos de Talja (1997), que procura interpretá-la não mais possuindo um foco centrado nos sistemas de informação – tal qual eram os primeiros estudos de usos e usuários da informação – tampouco unicamente na figura do indivíduo – como primam os estudos de comportamento informacional.

No raciocínio desta autora, a nova abordagem deve ser compreendida por um enfoque que privilegie a formação do conhecimento, passando a encarar o usuário como sujeito que exerce múltiplas funções e papéis em uma base diária, de acordo com a sua presença e participação junto à cultura e à sociedade, acabando por interferir também junto a elas não unicamente no sentido individual, do seu raciocínio perante à informação, mas também no sentido coletivo, conforme o contexto lhe é apresentado e interagido com o mesmo.

A origem das “práticas informacionais” advém da apreciação e da combinação de estudos oriundos de outras áreas do conhecimento, como a Educação, a Sociologia e a Antropologia, e prega que as investigações que se concentram sobre o usuário como o centro das atenções, acabam por relevar aquilo que Fulton e Henefer (2010) chamam de natureza social dos processos de informação, já que, para ambos os autores, o processo de criação da informação e do conhecimento se encontra sedimentado junto a um ou mais contextos socioculturais. Esta compreensão encontra ressonância em pesquisas realizadas neste séc. XXI, como a de McKenzie (2003), cujo foco recaiu sobre os processos de busca de informação realizados por mulheres durante a gravidez.

Esta pesquisa merece destaque junto a área de estudos de “práticas informacionais”, uma vez que deliberadamente aponta que os modelos teóricos anteriormente disponíveis e vigentes empregados para se compreender o usuário procuravam se concentrar solenemente no processo de busca ativa e intencional realizada pelo sujeito – destacando assim o seu caráter como sujeito ativo, que recorre a sua capacidade cognitiva e exibe um comportamento informacional coerente e não de mero receptor de informações, ignorando dessa forma práticas pertinentes ao grupo de mulheres grávidas, tais como a contemplação do ambiente ou entorno que as cerca, os encontros casuais entre mulheres desse grupo, ou mesmo a realização de buscas de informação por meio de intermediários – por exemplo, seus companheiros ou outros

membros de seu círculo íntimo – por tópicos e assuntos pertinentes a seu estado de gravidez.

Este terceiro momento evolutivo nos permite afirmar que a terminologia “usuário da informação”, embora ainda seja utilizada, já não consegue representar com segurança toda a riqueza das relações entre o sujeito social, a informação e os campos sociais vivenciados por ele. Diante desta consideração, pode-se afirmar que a compreensão conceitual sobre o usuário da informação tem se transformado lentamente na literatura da Ciência da Informação brasileira, e tal transformação tem conduzido ao esforço de reflexão conceitual a partir do termo ‘sujeito informacional’.

Neste sentido, vale destacar a ressalva feita por Cruz e Araújo (2020), quando enfatizam que:

Empregar o termo sujeito informacional nas pesquisas e nos estudos de usuários não significa simplesmente trocar usuário (da biblioteca, do site, do sistema, do arquivo etc.) ou público ou cliente (dos museus) por sujeito informacional. A mudança não é meramente do termo, mas, sim, da perspectiva de pesquisa e do entendimento de quem se relaciona com a informação, nos mais diversos espaços, contextos e formatos, físicos e/ou virtuais. (CRUZ; ARAÚJO, 2020, p. 18).

E, partir daí, é possível se concluir que denominar os estudos atuais como sendo de ‘comportamento informacional’ ou de ‘práticas informacionais’ é uma discussão que se estende para muito além de rótulos prontificados. Teruel (2022) aponta também a consolidação dessa área de investigação não somente em uma perspectiva intelectual, como também social, que atrai a atenção e os esforços de toda uma comunidade de pesquisadores em lançar luz sobre os pressupostos que evidenciaram a presença da informação para além dos ambientes formais ou mesmo das tradicionais unidades de informação.

Nesse sentido, a intenção é a de se compreender uma área de estudos que tem recebido contribuições profícuas desde o sec. XX, as quais envolvem pressupostos epistemológicos e modelos teóricos que tem por objetivo maior contemplar o ‘sujeito informacional’ e as melhores formas para se compreender a sua relação com a informação.

3 O SUJEITO INFORMACIONAL: PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS NO CONTEXTO DE PESQUISAS BRASILEIRAS SOBRE PRÁTICAS INFORMACIONAIS

A evolução junto à compreensão do ‘sujeito informacional’ com base nas teorias e conceitos empregados no campo da Ciência da Informação se faz presente, caracterizando-o como um ser ativo em sua relação com a informação, passando a valorizar sobremaneira a ocorrência e as motivações que o fomentam e estimulam em suas práticas. Araújo (2018) – baseando-se em Savolainen (1995) e Savolainen, Tuominen e Talja (2005) – constata esse movimento, ao apontar um aumento significativo desses estudos, cujo objetivo vem a ser o de “[...] ampliar o escopo dos estudos para além do indivíduo, tentando-se perceber em que medida os critérios de julgamento de relevância dos usuários são construídos coletivamente. Tal tendência tem se estruturado em torno do conceito de **práticas informacionais**”. (ARAÚJO, 2018, (p. 59)

Levando essa tendência em consideração, tem-se como foco o mapeamento dos pressupostos conceituais relativos ao sujeito informacional a partir de pesquisas brasileiras (dissertações de mestrado e teses de doutorado) sobre práticas informacionais.

Na pesquisa intitulada “Indicadores de qualidade da informação em sistemas baseados em Folksonomia”, Assis (2011, p. 22) teve por objetivo analisar as concepções que orientam a composição de indicadores de qualidade em ambientes digitais colaborativos. De modo específico, entre outros objetivos, a autora procurou investigar como a vida real (realidade) regula ou influencia as práticas informacionais dos sujeitos, com o propósito de compreender qual é a repercussão da linguagem nos processos de qualificação da informação. Neste ambiente de pesquisa, a autora considera, a partir de Moura (2009), que o sujeito informacional é um sujeito social, que manifesta a sua subjetividade através do estabelecimento de identidades e percursos informacionais. Desta forma, “o sujeito informacional é um sujeito pragmático, uma vez que, constrói suas relações pela via da linguagem e do compartilhamento de significados”. (ASSIS, 2011, p. 31).

Vale salientar que o sujeito informacional analisado por Assis (2011, p. 51) se encontra em um ambiente virtual da WEB 2.0. Assim, neste ambiente, parte considerável do conteúdo é produzida pelos seus próprios usuários, ou seja, o consumidor passou a ser também criador. Desta forma, “destaca-se o elevado nível de autonomia dado a esses

sujeitos informacionais, não apenas na produção como também na organização da informação o que diminui e altera as formas de mediação”. (ASSIS, 2011, p. 55).

Conforme Assis (2011), as práticas informacionais dos sujeitos pesquisados se estruturam, em grande parte, a partir de recursos informacionais baseados em conteúdos digitais (e-books, artigos de periódicos eletrônicos, sites, blogs e listas de discussão). Assim, estes sujeitos informacionais,

São pessoas que possuem participação ativa no âmbito digital. Desenvolvem atividades de blogging, social networking e pesquisa. Utilizam sistemas baseados em Folksonomia como ferramentas auxiliares na gestão e no compartilhamento dos recursos relacionados a estas atividades. (ASSIS, 2011, p. 155).

Assis (2011) considera que neste ambiente virtual o sujeito informacional é um sujeito de ação que se coloca diante da realidade por meio da linguagem. Assim, no contexto virtual destacam-se os pressupostos da interação e colaboração permeados por trocas simbólicas constantes e mediadas pela arquitetura das redes sociais.

Na pesquisa intitulada “Cultura informacional e distinção: A orkutização sob o olhar social da Ciência da Informação”, Cruz (2014) indaga: “Como a cultura informacional (normas e padrões de ações para o uso da informação) pode se constituir em fator de distinção entre classes sociais?” (CRUZ, 2014, p. 22). Para responder a esta questão, este autor se propõe a analisar as práticas informacionais de usuários de sites de redes sociais virtuais (Facebook, Twitter, Orkut). Entre suas questões orientadoras, este autor indaga: Qual seria a compreensão conceitual sobre o sujeito informacional no ambiente dos sites pesquisados. Cruz (2014) se apoia em Araújo (2013), no sentido em que considera que o sujeito informacional é um indivíduo que busca, usa, recupera e dissemina informações e, estas ações (desenvolvidas a partir de contextos sócio-históricos específicos), distinguem este indivíduo enquanto um tipo particular de sujeito – justamente o sujeito informacional.

Para Cruz (2014), o que define conceitualmente o sujeito informacional é a necessidade de comunicar pertencimento e sua compreensão da realidade vivenciada. Neste sentido este sujeito informacional é um ator e autor de suas palavras, como afirma Arendt (1997). Assim, o sujeito informacional se afirma a partir de cada informação que revela ou oculta sobre si. Estas dinâmicas informacionais evidenciam, conforme Cruz (2014), sentimentos de pertencimentos, representações sociais do mundo e do contexto no qual o sujeito se insere.

Barros (2016), em sua pesquisa intitulada “Protagonismo nas práticas informacionais de mães de crianças alérgicas”, objetiva analisar o desenvolvimento de

práticas informacionais por parte destas mães. A base conceitual adotada pela autora para a compreensão sobre os sujeitos informacionais considera que estes são sujeitos que geram sentido, fazem uso e incorporam a informação em suas vidas cotidianas, sendo que estas ações se dão entre a mente destes sujeitos e os contextos vivenciados por eles. Para Barros (2016) uma análise completa das práticas informacionais exige que se considere o sujeito informacional e suas relações com o mundo (paradigma social) ao mesmo tempo em que deve ser reconhecida a subjetividade deste sujeito (paradigma cognitivo).

O pressuposto conceitual que orienta as análises de Barros (2016) considera o duplo pertencimento (social e pessoal) do sujeito informacional e seu protagonismo como produtor de informação. Desta forma, a visão do sujeito informacional conforme Barros (2016) é a de um ‘construtor de significados’.

Vale salientar que além do foco desse estudo ser voltado a um público que não envolve diretamente um corpo de cientistas e/ou técnicos – como se caracterizavam os estudos originais de ‘usos e usuários da informação’ – a autora procurou ressaltar o caráter coletivo, do corpo de mulheres (mães) aqui ressaltado, em torno de uma motivação que lhes encoraja em suas práticas informacionais – justamente a de buscar, acessar e se apropriar de informações pertinentes ao tratamento diário de seus filhos, diante do quadro de alergias por eles apresentados, procurando estabelecer conexões desde os sintomas apresentados pelas crianças, como também variações nos tratamentos e resultados obtidos. Ao construir e tornar acessíveis um conjunto de práticas com vistas a melhor se informar quanto as condições e tratamentos disponíveis a seus filhos, as mães deste estudo evidenciam seu caráter ativo junto a apropriação e posterior emprego dessas informações, notabilizando-as não mais como usuárias de informação, mas como sujeitos informacionais.

Em sua pesquisa intitulada “Comportamento informacional em processos decisórios estratégicos: Dimensão simbólica do uso da informação por gestores”, Araújo (2017) objetivou compreender como as motivações inconscientes influenciam a dinâmica decisória organizacional, tendo como foco o uso de informação para subsidiar a tomada de decisão. Neste sentido, esta autora busca, entre outros objetivos, validar o uso de métodos alternativos (estudo do imaginário) como instrumento de pesquisa em Ciência da Informação. Araújo (2017, p. 35) salienta que a expressão ‘sujeitos informacionais’ surge em um ambiente em constante evolução teórica e conceitual dos estudos de usuários. Assim, ‘sujeito informacional’ configura-se como uma nova expressão incorporada ao



campo dos estudos de usuários, relacionando-se diretamente aos estudos sobre comportamento informacional e práticas informacionais. Esta autora salienta que os estudos sobre práticas informacionais buscam aprofundar a compreensão da relação sujeito-informação-contexto.

A partir desta compreensão inicial, tem-se que ‘sujeitos informacionais’ é um termo ou expressão que pode ser compreendida como uma representação que relaciona os indivíduos com a informação a partir de uma determinada dimensão social, que se configura a partir de papéis sociais e grupos de convívio. Assim, neste espaço relacional registram-se ações, fatos, eventos e circunstâncias cotidianas vivenciadas pelo sujeito informacional que busca, acessa, recebe e interpreta informações. Tal dinâmica remete à ideia de processos que geram ações sociais. Nesta compreensão de Araújo (2017) destaca-se o sujeito informacional enquanto ator e autor que busca na dinâmica informacional seu modo de estar no mundo.

Na pesquisa intitulada “A produção do conhecimento como cognição distribuída: Práticas informacionais no fazer científico”, Rocha (2018, p. 26) objetivou investigar as práticas informacionais relacionadas à produção colaborativa do conhecimento científico e tecnológico em um grupo de pesquisa a partir dos princípios da cognição distribuída. A partir deste objetivo geral, Rocha (2018, p. 27) busca compreender como estes princípios se manifestam na interação dos sujeitos informacionais entre si, com os artefatos cognitivos e com a informação científica. Neste sentido, Rocha (2018, p. 33) afirma que o sujeito informacional é o principal protagonista de diferentes ações relativas à informação. Assim, é o sujeito informacional que constrói para si e para os outros sujeitos a noção do que pode ser considerado informação, a partir de determinado contexto de convivência. Um aspecto importante na conceituação do sujeito informacional citado por Rocha (2018, p. 36) relaciona-se à compreensão de que tal sujeito não deve ser caracterizado a partir de variáveis econômicas e sociodemográficas, mas a partir da sua identidade.

Rocha (2018, p. 35) salienta que o sujeito pós-moderno não possui uma identidade unificada e estável. Ao contrário, ela é definida continuamente. Conforme Hall (2006), citado por Rocha (2018, p. 189), a identidade é definida historicamente conforme o sujeito é representado ou interpelado pelos sistemas culturais que o rodeiam. Desta forma, é a partir da identidade que o sujeito informacional cria quadros de referência que orientam suas ações. Conforme Rocha (2018),

As formas como os sujeitos informacionais buscam, usam, se apropriam, registram e compartilham a informação são influenciadas por suas crenças, valores e



motivos e que suas atitudes constroem a realidade e a cultura, sendo também moldadas por elas em um movimento dialético constante. (ROCHA, 2018, p. 190).

Os pressupostos conceituais do sujeito informacional a partir da pesquisa de Rocha (2018) são direcionados para o conceito de identidade e, neste sentido, uma nova compreensão é proposta para a constituição conceitual do sujeito informacional. Assim, o sujeito informacional constitui e articula práticas informacionais ao assumir uma identidade que, por sua vez, é ancorada em espaços e estruturas físicas, contextos, vivências e experiências compartilhadas com outros sujeitos. Neste sentido Rocha (2018) afirma que, o sujeito informacional tem consciência própria ‘de quem ele é’. Assim “a identidade assumida, a partir das atribuições e as ocupações pelo sujeito, determinam os tipos de informação que este sujeito busca e das quais se apropria, bem com as informações que produz”. (ROCHA, 2018, p. 184).

Esta consideração de Rocha (2018), salienta um ponto importante ao afirmar que as necessidades e a busca de informação se relacionam diretamente com a identidade e as atribuições assumidas pelo sujeito e neste sentido se aproxima das reflexões de Choo (2006), quando este autor afirma que as necessidades de informação variam de acordo com a profissão ou os grupos sociais que os usuários fazem parte, suas origens demográficas e os requisitos específicos da tarefa que estão realizando.

Na pesquisa intitulada “Práticas e regime de informação: Os acontecimentos “Carta de Temer a Dilma” e “Marcela Temer: Bela, recatada e do Lar”, Berti (2018, p. 21) objetivou compreender as práticas informacionais fundamentadas nas interações dos sujeitos informacionais no ambiente do Facebook. A autora salienta que “as práticas informacionais são apresentadas nesta pesquisa na perspectiva do campo de usuários, entendidos neste estudo, como sujeitos informacionais ao considerar as ações e significações atribuídas à informação” (BERTI, 2018, p. 32). Assim, os sujeitos informacionais representam uma nova denominação para os tradicionais ‘usuários da informação’. Mas vale salientar que não se pretende, conforme a autora aponta, apenas substituir uma denominação tradicional por outra mais atual. A denominação ‘sujeitos informacionais’ representa algo maior, no sentido em que, sob ela, encontra-se a abordagem social da Ciência da Informação², onde, segundo Capurro e Hjørland (2007),

² Nesta abordagem, de acordo com Capurro e Hjørland (2007), o sujeito não deve ser encarado unicamente do ponto de vista racional e isolado, já que em uma base cotidiana ele é inserido e estabelece uma – entre uma série de – relações sociais e contextos socioculturais amplos, indo além da dimensão cognitiva como compreensão exclusiva acerca da relação humano – informação. Os autores defendem que a informação deve ser contemplada como uma construção social, sendo definida através de ações concretas de sujeitos que realizam uma ou mais ações contínuas, ou seja, interações.

As pessoas, os sujeitos informacionais, em seu cotidiano não agem apenas quando têm necessidades, mas operam em todas as ações relacionadas ao conceito de informação enquanto elemento pragmático, humanístico, baseado em relacionamentos, interações, linguagens convencionadas, marcadas culturalmente no âmbito de atividades rotineiras. (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 193).

Vale salientar que o fenômeno informacional, tal qual proposto por Berti (2018), situa-se na relação dos sujeitos informacionais com o social, em construção contínua, o que corresponde à construção efetiva de um regime de informação específico. Envolve elementos tanto da ordem individual dos sujeitos e sua ação para dar sentido às informações (práticas informacionais), como elementos do fluxo da informação (o percurso que a informação faz para ser constituída, como é produzida, onde ela é operacionalizada, acessada, processada, quem são os sujeitos das trocas informacionais e os aspectos de validação). Desta forma,

Esses elementos são operacionalizados com base na interação e na cultura que ao mesmo tempo criam um repertório para a experiência para a significação e valor contínuo, num ciclo interminável a partir do que já existe no mundo, colaborando tanto para reforçar estes valores, como para criar. (BERTI, 2018, p. 72).

Os pressupostos conceituais do sujeito informacional sugeridos por Berti (2018) se estruturam a partir das interações entre a cultura (no sentido amplo) e a linguagem (no sentido individual). Neste sentido, a compreensão proposta por Berti (2018) para a constituição conceitual do sujeito informacional é, ao mesmo tempo, individual, social e cultural.

A pesquisa de Silva, A. G. F. (2019), intitulada “Entrando em cena, movendo a cena: Práticas informacionais no ambiente do aplicativo Telegram”, objetivou compreender as práticas informacionais nos ambientes virtuais do aplicativo Telegram, por meio da análise das representações sociais, das ações e dos papéis que os sujeitos informacionais assumem ou desempenham neste espaço. Silva, A. G. F. (2019) afirma que os estudos baseados nas práticas informacionais fazem parte de um momento de valorização do contexto e dos aspectos sociais aos quais os sujeitos estão imbricados. Neste sentido,

A noção de usuário da informação passa a ser melhor representada pelo conceito de “sujeito informacional”, uma vez que este conceito é mais abrangente e não coloca o indivíduo de forma isolada no cenário social desprovido dos vários aspectos que influenciam a sua trajetória de ações no contexto. (SILVA, A. G. F., 2019, p. 28).

Neste sentido, Silva, A. G. F. (2019) considera que o termo “sujeito informacional” é um conceito que pode adquirir outras variações tais como: ator, usuário, sujeito. Mas todas estas e outras variações registradas na literatura acadêmica consideram a relação do indivíduo, não apenas com a informação, mas também com os contextos de vida deste indivíduo. Silva, A. G. F. (2019) relaciona o sujeito informacional ao momento atual em que as práticas informacionais propõem a valorização dos contextos e dos aspectos sociais em que tais sujeitos estão imbricados. Para este autor, os pressupostos conceituais do sujeito informacional estão diretamente ligados às práticas informacionais e aos contextos de vida dos sujeitos ou, como diria Arendt (1997), estão ligados a um modo de existência, a um modo de estar no mundo.

Na pesquisa intitulada, “Práticas Informacionais: LGBTQI+ e empoderamento no espaço LGBT”, Silva, L. F. (2019) objetiva analisar práticas informacionais dos usuários/as do Centro Estadual de Referência dos Direitos de LGBTs e enfrentamento à homofobia na Paraíba (Espaço LGBT), bem como verificar as influências destas práticas informacionais no processo de empoderamento destes sujeitos. Neste sentido, Silva, L. F. (2019) considera que os estudos que se apoiam na compreensão conceitual do usuário da informação como um sujeito informacional se orientam a partir dos desdobramentos do paradigma social da Ciência da Informação. Estas análises, conforme aponta Silva, L. F. (2019), proporcionam a compreensão de fenômenos que correlacionam o indivíduo e o mundo que o cerca, de modo a concebê-lo como um ser relacional, que age segundo estruturas específicas. Desta forma, este autor considera que,

A informação é elemento indispensável quando se trata da construção de relações sociais, especialmente aquelas que incluem questões sensíveis à diversidade humana. A disseminação de informações pode criar ambiente propício à ação dos sujeitos informacionais de modo que estejam conscientes do reflexo dos seus atos, da composição e das intencionalidades da sociedade e que a ressignifiquem. (SILVA, L. F., 2019, p. 54).

Em pesquisa intitulada “Práticas Informacionais no Portal Geledés: Histórias e representações sociais sobre mulheres negras”, Saldanha (2021) objetivou analisar os conteúdos produzidos e compartilhados nas postagens sobre as mulheres negras na Plataforma Digital Geledés, do Instituto da Mulher Negra. Conforme a autora, o sujeito informacional produz conhecimento a partir de seu cotidiano, seu modo de vida, suas afetividades e suas relações enquanto participante de diferentes grupos sociais. A partir do contexto de luta das mulheres negras, a autora afirma que,

Ao tomarmos conhecimento de que os sistemas de opressão são balizados em informações segundo uma estrutura social legitimada de hierarquização, os



movimentos sociais partem de perspectivas microssociológicas, ou seja, manifestam-se em espaços alternativos, a fim de problematizar e desnaturalizar discursos legitimados e aceitos como verdades. Nessa lógica, são esses sujeitos informacionais que vão agir como mediadores, mobilizando os grupos sociais hierarquizados. (SALDANHA, 2021, p. 22).

Vale salientar que, no contexto da pesquisa realizada por Saldanha (2021), os pressupostos conceituais do sujeito informacional se estruturam a partir do uso da informação objetivando a construção de identidades e subjetividades e a implementação de ações políticas nos variados contextos vivenciados com vistas a transformar a realidade social. Neste sentido estes pressupostos se orientam no sentido de fortalecer o sentimento de estar no mundo.

Através dos estudos e pesquisas elencados acima, comprova-se a presença na Ciência da Informação de visões mais interpretativas, no que tange as práticas do ‘sujeito informacional’, que recebe em cada um deles uma interpretação por seus autores, que vai ao encontro de uma compreensão da relação estabelecida entre indivíduo e informação como algo mais denso do que o simples preenchimento de uma ausência no arcabouço de conhecimento do primeiro.

Pelo contrário, os sujeitos-alvos dessas pesquisas não atuam de forma isolada em seu cotidiano, apenas contando com o privilégio de possuírem um sistema cognitivo ativo. Além disso, eles desempenham funções e papéis que ocorrem de forma interdependente com os cenários e os contextos em que suas ações se desenrolam, comprovando assim se tratarem estes de trabalhos muito mais pormenorizados no que tange a evidenciar o papel coletivo e não mais individual que recai sobre os ‘sujeitos informacionais’ diante de sua relação com a informação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pressupostos conceituais selecionados permitem delimitar duas dimensões que sustentam os significados para o termo “sujeito informacional”: a dimensão contexto / realidade e a dimensão usuário da informação. Neste sentido, a dimensão contexto / realidade constitui-se como foco inovador proposto pelas pesquisas analisadas, pois caracteriza o usuário da informação não apenas por meio da busca e do uso de informação, mas também a partir da realidade em que vive e age. Assim, os pressupostos conceituais analisados consideram todos os elementos que compõem a realidade vivenciada pelo sujeito informacional (linguagem; contextos sócio-históricos específico; relação entre mente e contextos vivenciados; ações sociais geradas; contextos de



convivência; contextos de vida; relacionamentos, interações e linguagem; cultura, contextos de vida; grupos sociais hierarquizados).

Dessa forma, as práticas informacionais de busca e uso de informação ocorrem constantemente, mas ao caracterizar o usuário da informação como sujeito informacional, estas análises consideram que a realidade vivenciada ou enfrentada por este sujeito, tanto quanto a informação, é componente determinante nas práticas informacionais geradas por ele. Os pressupostos conceituais analisados podem ser visualizados a seguir no quadro 1.

Quadro 1: Sujeito Informacional: Pressupostos conceituais e recortes

Pressupostos conceituais / autores	Sujeito Informacional / Recortes
“O sujeito informacional é um sujeito pragmático, uma vez que, constrói suas relações pela via da linguagem e do compartilhamento de significados”. (ASSIS, 2011, p. 31).	Usa linguagem e compartilha significados.
“o sujeito informacional é um indivíduo que busca, usa e dissemina informações e estas ações (desenvolvidas a partir de contextos sócio-históricos específicos) distinguem este indivíduo enquanto um tipo particular de sujeito – justamente o sujeito informacional. (CRUZ, 2014, p. 28).	Busca, usa e dissemina informações em contextos sócio-históricos específicos
“Os sujeitos informacionais são sujeitos que geram sentido, fazem uso e incorporam a informação em suas vidas cotidianas, sendo que estas ações se dão entre a mente destes sujeitos e os contextos vivenciados por eles”. (BARROS, 2016, p. 15).	Usa e incorpora informação gerando sentido a partir da relação mente e contextos vivenciados.
“o termo (sujeitos informacionais) pode ser compreendido como uma representação que relaciona os indivíduos com a informação a partir de uma determinada dimensão social que se configura a partir de papéis sociais e grupos de convívio. Neste espaço relacional cotidiano o sujeito informacional busca, acessa, recebe e interpreta informações. Tal dinâmica remete a ideia de processo que gera ações sociais”. (ARAÚJO, 2017, p. 35).	Relação sujeito/dimensão social. Processo que gera ações sociais.
“o sujeito informacional constrói para si e para os outros sujeitos a noção do que pode ser considerado informação a partir de determinado contexto de convivência. Tal sujeito não deve ser caracterizado a partir de variáveis econômicas e sociodemográficas, mas a partir da sua identidade. É a partir da identidade que o sujeito informacional cria quadros de referência que orientam suas ações”. (ROCHA, 2018, p.33).	Constrói a noção de informação a partir da identidade e de contextos de convivência.
“Os sujeitos informacionais, em seu cotidiano não agem apenas quando têm necessidades, mas operam em todas as ações relacionadas ao conceito de informação enquanto elemento pragmático, humanístico, baseado em relacionamentos, interações, linguagens convencionadas, marcadas culturalmente no âmbito de atividades rotineiras”. (BERTI, 2018, p. 193).	Desenvolve ações baseadas em relacionamentos, interações, linguagens convencionadas, marcadas culturalmente no âmbito de atividades rotineiras.

<p>“Conceito que pode adquirir outras variações tais como: ator, usuário, sujeito. Mas todas estas e outras variações que estão na literatura acadêmica consideram a relação do indivíduo não apenas com a informação, mas também com os contextos de vida deste indivíduo”. (SILVA, A. G. F., 2019, 28).</p>	<p>Relaciona a informação com os contextos de vida.</p>
<p>“O termo sujeito informacional se apoia em fenômenos que correlacionam o indivíduo e o mundo que o cerca, de modo a concebê-lo como um ser relacional, que age segundo estruturas específicas”. (SILVA, L. F., 2019, 54).</p>	<p>Ser relacional que age conforme estruturas específicas.</p>
<p>“Os sistemas de opressão são balizados em informações segundo uma estrutura social legitimada de hierarquização. Nessa lógica, são esses sujeitos informacionais que vão agir como mediadores, mobilizando os grupos sociais hierarquizados a fim de problematizar e desnaturalizar discursos legitimados e aceitos como verdades”. (SALDANHA, 2019, p. 22).</p>	<p>Mediador que mobiliza grupos sociais hierarquizados.</p>

Fonte: Araújo e Ramos (2022).

A partir dos pressupostos conceituais selecionados e dos recortes gerados, pode-se estruturar uma compreensão básica sobre o sujeito informacional. Retomando a relação: sujeito / informação / realidade, citada no início deste texto, pode-se considerar que o sujeito informacional é um iniciador, conforme colocado por Arendt (1997), no sentido em que usa a linguagem que é marcada pela sua cultura e identidade. Em termos da informação, este sujeito desenvolve uma intensa dinâmica (busca, usa, incorpora, constrói, compartilha e interage), que gera as práticas informacionais. Em termos da realidade, este sujeito atua a partir de contextos de vida e convivência, que são também contextos históricos específicos e hierarquizados.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. A. A. O sujeito informacional no cruzamento da Ciência da Informação com as Ciências Sociais. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 14, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/184435>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- ARAÚJO, C. A. A. Estudos de usuários da informação: comparação entre estudos de uso, de comportamento e de práticas a partir de uma pesquisa empírica. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 61-78, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/2970/2694>. Acesso em: 14 mai. 2022.
- ARAÚJO, C. A. A. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.
- ARAÚJO, E. A. Práticas informacionais em ambientes de infodemias: reflexões para o estudo de patologias informacionais. **LIINC em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 1-13, 2021. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5700>. Acesso em: 10 out. 2022.
- ARAÚJO, E. P. de O. **Comportamento informacional em processos decisórios estratégicos: Dimensão simbólica do uso da informação por gestores**. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da



Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

ARENDDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

ASSIS, J. **Indicadores da qualidade da informação em Sistemas baseados em Folkonomia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECID-8JRLC4/1/juliana_horta_de_assis_pinto.pdf. Acesso em 12 abr. 2022.

BARROS, F. M. M. **Protagonismo nas práticas informacionais de mães de crianças alérgicas**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AMWJ3T/1/dissertacao_fl_via_moraes_moreira_barros.pdf Acesso em 12 abr. 2022.

BELKIN, N. J. The problem of matching in information retrieval. *In*: HARBO, O.; KAJBERG, L. (org.). **Theory and applications of information research**. London: Mansell, 1980.

BERTI, I. C. L. W. **Práticas e Regimes da Informação**: Os acontecimentos “Carta de Temer a Dilma” e “Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-BCDKNZ/1/20190405_tese_berti_ilemarchristinalansoniwey.pdf. Acesso em 12 abr. 2022.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/j7936SHkZJkpHGH5ZNYQXnC/?format=pdf>. Acesso em: 08 dez. 2022.

CASTELLS. E. **A Sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento**: Como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: SENAC, 2006.

CRUZ, R. do C.; ARAÚJO, C. A. A. Sujeito informacional: Conceito em emergência: Uma revisão teórico-conceitual em periódicos ibero-americanos. **Inf.&Soc: Estudos**, João Pessoa, v.30, n.1, p.1-22, jan./mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/43934/29689>. Acesso em: 15 fev. 2023.

CRUZ, R. do C. **Cultura informacional e distinção**: A orkutização sob o olhar social da Ciência da Informação. 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://ppgci.eci.ufmg.br/teses-defendidas>. Acesso em 12 abr. 2022.

DERVIN, Brenda; NILAN, Michael. Information needs and uses. **Annual Review of Information Science and Technology**, Leesburg, v. 21, p. 3-33, 1986. Disponível em: http://www2.hawaii.edu/~donnab/lis670/dervin_nilan.pdf. Acesso em 15 fev. 2023.

ELLIS, David. A behavioral approach to information retrieval system design. **Journal of Documentation**, Bingley, n. 45, v. 3, p. 171-212, 1989.

ELLIS, David. The emergency of conceptual modeling in information behavior research. **New directions in information behaviour**, Bingley, v. 1, 2011.



FULTON, Crystal. HENEFER, Jean. Information Practice. **Encyclopedia of Library and Information Science**, Boca Raton, p. 1-10, 2010.

GASQUE, Kelly Cristine Gonçalves Dias; COSTA, Sely Maria de Souza. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 39, n. 1, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/55084>. Acesso em 22 nov. 2022.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. São Paulo: Ed. Zahar, 1996.

MCKENZIE, Pamela J. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, Leesburg, v. 59, n. 1, p. 19-40, 2003.

MENZEL, H. Information needs and use studies in science and technology. **Annual Review of Information Science and Technology**, v. 1, p. 41-69, 1966.

PÉREZ GIFFONI, M. C.; SABELLI, M. **Los estudios de usuarios de información: construcción de una línea de investigación y docencia em el Uruguay**. Montevideu: EUBCA/Udelar, 2010.

ROCHA, J. A. P. **A produção do conhecimento como cognição distribuída: Práticas informacionais no fazer científico**. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://ppgci.eci.ufmg.br/teses-defendidas>. Acesso em 12 abr. 2022.

SALDANHA, P. **Práticas informacionais no Portal Geledés: Histórias e representações sociais sobre mulheres negras**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/230414>. Acesso em 12 abr. 2022.

SANZ-CASADO, Elias. **Manual de estúdios de usuários**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1994.

SAVOLAINEN, R. Everyday life information seeking approaching information seeking in the context of “way of life”. **Library & Information Science Research**, v. 17, p. 259-294, 1995.

SAVOLAINEN, R.; TUOMINEN, K.; TALJA, S. The social constructionist viewpoint to information practices. In: FISHER, K. E.; ERDELEZ, S.; MCKECHNIE, L. (orgs.). **Theories of information behaviour**. Medford: Information Today, 2005.

SAVOLAINEN, R. **Everyday information practices: a social phenomenological perspective**. Lanham: Scarecrow, 2008.

SIATRI, Rania. The Evolution of User Studies. **Libri**, v.49, n. 3, p. 132-141, 1999.

SILVA, A. G. F. **Entrando em cena, movimentando a cena: Práticas Informacionais nos ambientes do aplicativo Telegram**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/31608> Acesso em 08 abr. 2022.

SILVA, L. F. da. **Práticas informacionais: LGBT e empoderamento no Espaço LGBT**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/16342/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em 09 abr. 2022.



TALJA, S. Constituting “information” and “user” as research objects: a theory of knowledge formations as an alternative to the information-man theory. *In*: VAKKARI, P.; SAVOLAINEN, R.; DERVIN, B. (org.). **Information seeking in context**. London: Taylor Graham, 1997. p. 67-80.

TAYLOR, Robert S. **Value-added processes in information systems**. Norwood: Ablex Publishing Co., 1986.

TERUEL, Aurora González. Principales coordenadas del origen, desarrollo y consolidación de la investigación del usuário de la información. *In*: SILVEIRA, F. J. N.; FROTA, M. G. C.; MARQUES, R. M. (org.). **Informação, Mediação e Cultura: Teorias, métodos e pesquisas**. Belo Horizonte: Letramento, 2022. p. 342-363.

TUOMINEN, K.; SAVOLAINEN, R. A social constructionist approach to the study of information use as discursive action. *In*: VAKKARI, P.; SAVOLAINEN, R.; DERVIN, B. (Org.). **Information seeking in context**. London: Taylor Graham, 1997. p. 81-96.

WILSON, Tom. On user studies and information needs. **Journal of Documentation**, Leesburg, v. 37, p. 3-15, 1981.

WILSON, T. D.; WALSH, C. Information behavior: An interdisciplinary perspective. University of Sheffield, Department of Information Studies, Sheffield. 1996. Disponível em: https://www.academia.edu/3086444/Information_behaviour_an_interdisciplinary_perspective. Acesso em 15 fev. 2023.

WILSON, Tom. Exploring models of information behaviour: the ‘Uncertainty’ Project. *In*: ALLEN, D.; WILSON, Tom. (org.). **Exploring the contexts of information behaviour proceedings of the Second International Conference on Research in Information Needs. Seeking and Use in Different Contexts**. Sheffield: London, 1999, p. 55-66.

WILSON, Tom. The information user: past, present and future. **Journal of Information Science**, Washington, v. 34, n. 4, p. 457-464. 2008.

NOTAS

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: E. A. de Araújo, R. B. T. Ramos

Coleta de dados: E. A. de Araújo

Análise de dados: E. A. de Araújo

Discussão dos resultados: E. A. de Araújo, R. B. T. Ramos

Revisão e aprovação: E. A. de Araújo, R. B. T. Ramos

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Encontros Bibli** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – Edgar Bisset Alvarez, Ana Clara Cândido, Patrícia Neubert, Genilson Geraldo, Jônatas Edison da Silva, Mayara Madeira Trevisol, Camila Letícia Melo Furtado e Beatriz Tarré Alonso.

HISTÓRICO

Recebido em: 13-07-2022 – Aprovado em: 22-02-2023 – Publicado em: 20-05-2023

